

**Jornais de Zé Povinho:  
os usos do personagem de Bordalo Pinheiro nos periódicos do século XIX e XX**

PEDRO KRAUSE RIBEIRO\*

*Esta criação de Rafael Bordalo foi tão feliz, que foi festejada por grande número de artistas e imediatamente por eles utilizada. E assim o Zé Povinho não ficou circunscrito ao labor do seu criador. Por isso o encontramos no Teatro, na Literatura, no Jornalismo, e até partindo para o Brasil, onde se aclimatou e onde ainda se conserva. (Julieta Ferrão, 1930:192)*

Construído a partir do conceito de povo, o Zé Povinho, com o irônico sufixo “inho”, foi um importante instrumento de combate e ação no campo político. Lançado na revista *A Lanterna Mágica*, por Rafael Bordalo Pinheiro, em 1875, o boneco fazia parte do que Baczko chama de “comunidade de imaginação”, no caso, dos intelectuais humoristas, transitando entre variados meios de comunicação – teatro, música, literatura e jornais –, ecoando no Brasil. Como objeto de análise de minha dissertação, debruçei-me sobre essa variada apropriação e reutilização do personagem na imprensa brasileira, tanto nas revistas caricatas, quanto nas peças e crônicas teatrais e nos títulos de periódicos dos séculos XIX e XX. E sobre sua presença nesses títulos de periódicos que nos debruçaremos nessa apresentação.

No caminhar da pesquisa descobrimos que além do teatro de revista, o Zé Povinho, e a sua variável, Zé Povo também foram títulos de alguns periódicos da imprensa brasileira. Não só no Rio de Janeiro, como no Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e na cidade fluminense de Petrópolis. Tivemos acesso a algumas dessas publicações na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A maior parte se encontra em microfimes, em péssimo estado de conservação, não só pelo desgaste do tempo, como pelo fato de estarem organizadas junto com outros jornais e revistas, portanto, manejadas por uma quantidade grande de pesquisadores.

Ao analisar esses periódicos, seguimos o relativo consenso historiográfico sobre as transformações da imprensa na virada do século XIX para o início do século XX. Segundo Tânia Regina de Luca, se por várias décadas, a luta política constituiu-se no

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre, CNPq.

mote fundamental do que categoriza como “jornal-tribuna” (que tinha no papel de tribuna a razão mesma da sua existência), os horizontes alteram-se e os periódicos transformaram-se em negócio, exigindo de seus donos a adoção de métodos racionais de distribuição, gerenciamento e atenção às inovações técnicas que permitissem aumentar a tiragem, o número de páginas e a melhor qualidade de sua mercadoria. Elementos que fossem capazes de atender a um crescente mercado de potenciais leitores. (LUCA, 2008:150) Entretanto, apesar de nos basearmos nessa corrente de interpretação, destaca-se que, em raros momentos, jornais com o personagem como título conseguiram, no período da “imprensa empresarial”, obter sucesso e longevidade. Além de salientarmos que, por vezes, jornais com feições empresariais coexistiram com periódicos voltados para a tribuna política.

Seguindo uma ordem cronológica, *O Zé Povinho: jornal da arraia miúda* (Imagem 01) foi publicado no Rio de Janeiro no dia 31 de dezembro de 1879, no calor dos acontecimentos da Revolta do Vintém. Consta que é o primeiro número do primeiro ano, porém é provável que tenha sido um único exemplar, pois no cabeçalho afirma que seria publicado “conforme as necessidades”. Verdadeiro panfleto político, o pasquim não é assinado e seu autor, sob o pseudônimo de Zé Povinho, trata do aumento do preço dos bondes e do uso da força no combate aos críticos do imposto.

Apesar de se colocar como politicamente neutro, o seu autor acusa D. Pedro II de usar o tesouro e as armas para se manter no poder e garantir a sucessão de sua herdeira. O formato da publicação é de 19x15 cm, com cinco páginas e três artigos. O primeiro intitula-se “Artigo de fundo” e explica o programa do jornal, caracterizando o Zé Povinho e sua relação com os políticos do império:

*Como político, o Zé tem a consciência de que seja qual for o nome que tomem os homens que o governam, ele há de ser o pagador de tudo aquilo que não goza e de que gozam os outros que não pagam como ele.  
Por isso, o Zé não é, nem conservador, nem liberal, nem republicano.  
O Zé é o Zé, é o que os estadistas quando estão de cima chamam Canalha, e quando estão por baixo a Soberania Nacional.  
Mas o Zé, porém, conhece-os, já tem calo na canga, por lhe puxar há muitos anos o carro triunfal, e por isso hoje já não se deixa levar por cantigas.  
O Zé tem a respeito dos seus estadistas de todas as cores políticas uma opinião de espelunca. (ZÉ POVINHO, 1879:1)*

Os textos seguintes intitulam-se “O povo e o Rei”, e “Situação do Cacete”. No último, o autor se dedica ao objeto de repressão, que, para ele, era o quinto poder constitucional, superando, mesmo, o Moderador. Ironicamente, o Zé Povinho aplaudia tal poder, querendo vê-lo também sagrado por lei. O sarcasmo do texto está no fato do personagem ser atacado pela monarquia, e na possibilidade do Povinho um dia usar a mesma arma para questioná-la. Essa idéia presente no texto dá certo tom republicano ao jornal, ainda que seu autor tente se manter neutro.

*O Zé pensa que não vem muito longe o dia em que há de ajustar contas. Está moído; malham-o todos por tudo e por todos, e em toda a parte [...]*

*[...] Neste ajuste de contas é bem que as armas sejam iguais, para que a luta seja leal.*

*Bons tempos, felizes, tempos. O cacete é o complemento necessário da gazua. (ZÉ POVINHO, 1879b)*



Imagem 01 – *O Zé Povinho*: jornal da arraia miúda. Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1879, ano I, n.1.

O segundo periódico chama-se *Zé Povinho* e circulou em Pelotas (RS) durante os anos de 1882 e 1883. Já há um trabalho de mestrado que o contempla: *Traços da política: representações do mundo político na imprensa ilustrada pelotense do século XIX*, de Aristeu Elisandro Machado Lopes (LOPES, 2006). Na dissertação, o autor analisa os três periódicos de Pelotas do final do XIX que se auto-identificavam como humorísticos e ilustrados; privilegiando, portanto, uma tipologia usada pelo próprio jornal. Além de *Zé Povinho*, na cidade do sul do Brasil havia ainda *O Cabrion* (1879-1881) e *A Ventarola* (1887-1889). Para Lopes, Pelotas passava por intensa

transformação e essas revistas ilustradas trouxeram o desenho para o público e imprensa locais, acabando por produzir uma memória-visual da cidade.

Na dissertação trabalhamos de forma complementar a Lopes, principalmente por encontrarmos a publicação do *Zé Povinho* em 1882, enquanto o autor analisa suas edições de 1883. A vantagem para o autor é que em 1883 havia ilustração na revista, já em 1882 não. Diga-se que o fim da revista se deu, segundo Lopes, pelas dificuldades financeiras e falta de mão-de-obra especializada em ilustrações, que foram suspensas nos últimos números. Ao longo dos dois anos de impressão não houve mudanças de preços: a assinatura anual era de 16\$000, a semestral de 9\$000, a trimestral de 5\$000 e o preço avulso era de \$500. Esse preço valia para Pelotas; e para fora da cidade o preço de assinatura anual era de 20\$000 e semestral de 11\$000. (LOPES, 2006:43)

Outro ponto de complementação das pesquisas versa sobre a direção e localização da redação. Em 1882 a redação era na rua Yatahy, número 7, e em 1883 na rua Sete de Setembro, número 20. Com relação à direção, Lopes encontrou o nome de Francisco Rodrigues Noronha, enquanto encontrei três outros nomes: H.J. Pereira, João Antunes Nunes (que teria saído da sociedade em outubro de 1882) e Joaquim Gonçalves de Azambuja (que entrou no lugar de João Antunes Nunes). É possível que em seu último ano, com ilustrações, tenha passado para as mãos de outro dono, no caso Francisco Rodrigues. Com relação ao formato, nos dois casos é o mesmo, 22x32 cm, com oito páginas.

Assim como Lopes, também pude perceber que a crítica social era amena, e os textos (não encontrei ilustrações) falavam da sociedade local, casamentos, festas, etc. Havia muito pouco de política. Ainda assim, o periódico tentou construir uma auto-imagem diferente da que reproduzia, buscando conectar-se a população mais pobre da cidade. Nesse texto citado, há também a menção da tiragem do *Zé Povinho*. Não se sabe se esse número é verdadeiro, pois a revista adotou nos primeiros números a estratégia de remeter revistas para os leitores, cativando o público para que fizessem assinaturas.

*Os dois grandes acontecimentos que encheram a semana foram a festa da desobstrução da barra, e o aparecimento do Zé-Povinho, sentinela avançado da democracia nos estádios da imprensa.*

*Os sonolentos leitores das folhas grandes esfregam as mãos de contente ao verem um Zé-Povinho genuíno, da gema, ou da Silva, traduzindo tão*

*cabalmente os sentimentos de outro Zé, daquele que arrasta a canga das camarilhas da velha monarquia.*

*Bravo! Oh! Negro!...*

*O Zé brilhou, e caiu nas boas graças de seus numerosos leitores.*

*Bem bom.*

*Os pedidos de assinaturas já são tantos, que vamos aumentar a tiragem.*

*No primeiro número a tiragem foi de 800 e agora, para evitarmos nova edição, passamos a tirar 1200.*

*Sentido! Quem quiser chegue enquanto está fresquinho.* (ANÔNIMO, 1882)

Além da tiragem e da construção de um jornal popular, “da Silva”, como afirmava o texto, cabe mencionar a passagem que fala da “velha monarquia” e dos negros, afinal, em 1882-1883 vivia-se a crise do Império e uma das maiores críticas era a escravidão. Mas engana-se quem pensa que se tratava de um periódico republicano, pois essa foi uma das únicas passagens mais politizadas da revista. Por fim, outra passagem mais politizada, uma vez que discutia a identidade nacional, pôde ser observada no dia 15 de outubro de 1882, quando uma crônica teatral versava sobre a comédia *Tipo Brasileiro*. Para o cronista não identificado no texto, os atores não estiveram bem em seus papéis, como o Mayrink no papel de inglês e o beneficiado da história, o Sr. Portugal. Os famosos debates publicados pela *Fon-Fon* sobre o tipo caricatural brasileiro já era tema nos palcos pelotenses antes de 1908.

O terceiro periódico, *Zé Povinho: órgão do club da rua* (Imagem 02), foi publicado em Fortaleza durante os anos de 1889 e 1890, portanto, bem próximo à Proclamação da República. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro temos somente um exemplar, o do dia 24 de dezembro de 1889, número 8. Apesar da busca, não encontramos informações da presença dessa coleção em bibliotecas cearenses. O formato desse jornal era o de 37x27 cm. A tipografia ficava na rua do Major Facundo, número 24 e a agência, possivelmente de venda de assinaturas e propagandas, localizava-se no Café Java. Só havia preço para o número avulso, de 40 réis. Não possuía ilustrações, seguindo uma linha bem irônica e radical nos seus textos. Junto com *O Zé Povinho: jornal da arraia miúda*, do Rio de Janeiro, foi um dos poucos jornais, com *Zé Povinho* no título, que tinha uma feição mais de “jornal-tribuna”. Um bom exemplo pode ser visto no artigo, sem assinatura, intitulado “Liberdade de voto”.

Então o eminente escritor português Latino Coelho disse que o sufrágio popular é arma de um povo livre...usado livremente, fora de todos os conluios de facção, de todas as violações da consciência, etc.?

Folguemos que isto fosse transcrito pela folha oficial, o que quer dizer que as eleições serão livres como filho de negra cativa...depois da lei de 28 de setembro.

Tome nota, seu Zé. Viva a liberdade do povo e do sabre! (ANÔNIMO, 1889:1)



Imagem 02 - *Zé Povinho*: órgão do club da rua. Fortaleza, 24 de dezembro de 1889, n 8.

Também do Ceará temos a quarta publicação intitulada: *Charuto: órgão do Zé Povinho*. Segundo as informações da Biblioteca Nacional, esse periódico circulou em Fortaleza entre 1888 e 1904, impresso em tipografia própria, por José dos Santos. Apesar só tivemos acesso aos exemplares de 20 de junho de 1903 e 28 de maio de 1904 (Imagens 03 e 04), nelas observamos no cabeçalho que eram dos décimo segundo e décimo terceiro anos de publicação, portanto, o *Charuto* teria iniciado em 1891. Segundo informações da edição de 20 de junho de 1903 a redação localizava-se na rua Formosa, número 98a; e na edição de 1904 a redação teria mudado para o número 215b, na mesma rua. Trata-se de um dos rolos de microfilme em pior estado de conservação, mas pela leitura possível, destacam-se as notas sobre o cotidiano e as tiradas leves de humor.



Imagem 03 – *Charuto*: órgão do Zé Povinho. Fortaleza, 20 de junho de 1903, ano XII, n.28.



Imagem 04 – *Charuto*: órgão do Zé Povinho. Fortaleza, 28 de maio de 1904, ano XIII, n.21.

O quinto periódico, também de Fortaleza, intitulava-se *O Trabuco: órgão do Zé Povão* e tinha a dimensão de 22x17 cm (Imagem 05). O primeiro número do jornal data de 10 de fevereiro de 1900, publicado pela tipografia Apollo. Muito satírico, a publicação se identifica totalmente através de pseudônimos. Por exemplo, o diretor era o Xico Pindoba, os redatores eram o Eu, o Tu e o Ele, o gerente era o Mané Gostoso, e a empresa da sociedade anônima Ceará-Trabuco. Mais uma vez, pouco há de político nos textos de *O Trabuco* e raras menções ao Zé Povinho. No entanto, destaca-se o poema “Glosa”, assinado por Zé Gostoso, que trata das disputas políticas locais e das fraudes eleitorais da Primeira República:

*A gran cabala indecente  
Dos disputados os nobres  
Fez prodígio, ganhou cobres  
N'esta eleição muita gente  
Até o nosso tenente  
Homem que toma tabaca,  
Andou arrumando a maca,  
Pra não votar este ano,  
Sem saber que o Americano  
Sem querer virou a casaca (ZÉ GOSTOSO, 1900:4)*



Imagem 05 - *O Trabuco*: órgão do Zé Povão. Fortaleza, 10 de fevereiro de 1900, ano I, n.1

Importante destacarmos a forte presença do Zé Povinho em Fortaleza, talvez reforçando a hipótese de Jean Yves Mérian, de que as obras dos autores portugueses da virada do XIX tiveram ampla repercussão no nordeste, em seu caso, principalmente em Pernambuco (MÉRIAN, 2007). Além de Fortaleza, o nordeste teve ainda dois outros periódicos com Zé Povinho: o *Zé Povo*, de Pernambuco (1909), que não tivemos acesso por estar fora de consulta, devido seu péssimo estado físico; e *Zé Povinho: semanário livre e humorístico*, de Natal, que data de 02 de fevereiro de 1905 (Imagem 06). Sobre o último, não se sabe a periodicidade, mas tivemos acesso ao primeiro exemplar, talvez único, e que custava 100 réis. Com quatro páginas, tirando alguns pequenos clichês, o periódico não possuía charges ou caricaturas. Sobre seu programa, descreve o personagem título muito próximo da concepção de Rafael Bordalo Pinheiro e Ramalho Ortigão em *Álbum das Glórias* (PINHEIRO, 1989):

*Zé-Povinho é uma entidade real, vive em cada um de nós e no conjunto do indivíduos das classes obscuras, que nem por isso deixam de ser dignas e de ter os mesmos direitos, às vezes mais sagrados, que as classes dirigentes. Somente uma diferença, é que Zé-Povinho é o incansável burro de carga dos poderosos, é a matéria eternamente explorável de todos os aventureiros é, afinal, quem paga o pato, como ele mesmo diz. Não obstante as injustiças que sofre e a sua eterna dependência, Zé-Povinho é alegre, ri ou cora, consoante as alternativas, é bom, forte e resignado.* (ANÔNIMO, 1905:1)



Imagem 06 – *Zé-Povinho*: semanário livre e humorístico. Natal, 2 de fevereiro de 1905, ano I, n.1.

Retornando a ordem cronológica estabelecida no início do texto, houve em Petrópolis (RJ) uma publicação intitulada *O Zé Povinho: jornal cáustico e pândego*, publicado em 1901. Muito parecida com a publicação de Pelotas, *O Zé Povinho* de Petrópolis seguia uma linha de menção à sociedade petropolitana, atuando de forma bem amena. Pelo menos é o que parece, pois temos somente o primeiro exemplar, de 28 de julho de 1901. Ainda assim, na apresentação do jornal temos a seguinte caracterização: “O Zé Povinho, que damos hoje a luz da publicidade, é um jornaleco voltado a pândega e a alegria e dedicado em extremo ao nosso povo da lyra!”. Mais uma vez, um jornal se utilizava do personagem na tentativa de construir uma imagem de ser um jornal popular e alegre, como queriam seus proprietários. Não se sabe a frequência do jornal e seus redatores eram os “doutores” K.C.T. e K.K.O., portanto, pseudônimos. O formato da publicação era 24x19 cm, com o preço de 200 réis.

Além da revista pernambucana, houve outra intitulada de *Zé Povo*, só que na cidade de São Paulo e no ano de 1911. Esta não consta nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mas é citada por Ana Luiza Martins em *Revistas em revista*, como uma publicação que defendia a candidatura de Rodolfo Miranda à presidência do Estado, portanto, a favor do governo de Hermes da Fonseca. A alusão é bem curta, talvez por ser um ou poucos exemplares remanescentes, dentro de um parágrafo que insere outras revistas de caricaturas nos processos políticos nacionais, como a revista *A Lua* que satirizou hermistas e civilistas durante a campanha civilista, lembrando muito a postura de *O Filhote* no Rio de Janeiro. (MARTINS, 2006:256)

Portanto, de forma a esquematizar as publicações com o personagem Zé Povinho no título, ao menos a que tivemos acesso a reproduções ou originais, temos a seguinte tabela:

Título	Localização	Periodicidade
<i>Zé Povinho: jornal da arraia miúda</i>	Rio de Janeiro, RJ	31 dez.1879
<i>Zé-Povinho</i>	Pelotas, RS	1882-1883
<i>Zé Povinho: órgão do Club da Rua</i>	Fortaleza, CE	1889-1890
<i>O Charuto: órgão do Zé Povinho</i>	Fortaleza, CE	1891-1904
<i>O Trabuço: órgão do Zé Povão</i>	Fortaleza, CE	10 fev.1900
<i>O Zé Povinho: jornal cáustico e pândego</i>	Petrópolis, RJ	1901
<i>Zé Povinho: semanário livre e humorístico</i>	Natal, RN	02 fev.1905

A grande quantidade de publicações pelo Brasil, tendo somente uma no Rio de Janeiro, demonstra a força do personagem no Brasil, dentro de uma perspectiva de releitura que o colocou como apátrida, aclimatizando-se por aqui, como afirmava Julieta Ferrão no trecho que nos serviu de epígrafe. Raramente com a assinatura de seus autores, esses periódicos tiveram, no geral, pouca durabilidade (exceto *O Charuto: órgão do Zé Povinho*). Por vezes símbolo de uma luta política mais radical, claramente no *Zé Povinho: órgão do club da rua*, de Fortaleza; por outras somente publicações mundanas e divertidas, caso de *Zé Povinho: jornal cáustico e pândego*, de Petrópolis e do *Zé Povinho*, de Pelotas; ou ainda para ser uma sátira mais ríspida, como era o caso de *O Trabuço: órgão do Zé-Povão*; o *Zé Povinho* foi se tornando elemento do “repertório cultural” do século XIX e do XX, alcançando dimensão territorial que não dependeu, necessariamente, do uso maciço dos caricaturistas da imprensa ilustrada carioca do século XX, alcançando outros canais de difusão e uso intelectual.

#### **Relação de fontes primárias:**

Anônimo, “Duas palavras”. In: *Zé-Povinho*, 1 de outubro de 1882.

Anônimo, “Liberdade de voto”. In: *Zé Povinho: órgão do club da rua*, 24 de dezembro de 1889, n.8, p.1.

Anônimo, “Situação do cacete”. In: *O Zé Povinho: jornal da arraia miúda*, 31 de dezembro de 1879b, ano I, n.1.

Anônimo, “Zé-Povinho”. *Zé-Povinho: semanário livre e humorístico*, 2 de fevereiro de 1905, ano I, n.1, p.1.

FERRÃO, Julieta. “O Zé Povinho”. In: *Feira da Ladra*, t2, n4, 1930, p. 189-194.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. *Álbum das glórias*. Lisboa: Fragmentos, 1989.

Zé Gostoso, “Glosa”. In: *O Trabuço: órgão do Zé Povão*, 10 de fevereiro de 1900, ano I, n.1, p.4.

Zé Povinho, “Artigo de fundo”. In: *O Zé Povinho: jornal da arraia miúda*, 31 de dezembro de 1879, ano I, n.1: 1.

### **Bibliografia de apoio:**

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Traços da política: representações do mundo político na imprensa ilustrada pelotense do século XIX*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

LUCA, Tânia Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 150.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Fapesp, 2008.

MÉRIAN, Jean Yves. “Presença de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Rafael Bordalo Pinheiro no debate e na polêmica naturalista no Brasil”. In: *Revista Convergência Lusíada*, n24, 2007, p. 211-224.